

Novas procuras na paisagem rural do Alentejo: as visões e preferências dos urbanos

Mara Almeida¹

Teresa Pinto-Correia²

RESUMO

A crescente procura social por paisagens rurais, nomeadamente pelas suas funções não produtivas, tem sido evidente em toda a Europa. Os urbanos tornaram-se novos utilizadores do espaço rural principalmente pelas actividades de recreio e de residência ganhando estas actividades uma relevância cada vez maior, tanto pela diversificação das comunidades rurais como pelo investimento, representando um importante contributo para o desenvolvimento rural. O crescente interesse pela paisagem rural justifica a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre a procura da população urbana dando assim espaço a novas possibilidades para uma política de desenvolvimento rural e de gestão da paisagem mais informada. Embora as preferências de paisagem dos urbanos vs rurais estejam amplamente presentes na literatura, pouco conhecimento existe em relação à caracterização da procura da população urbana. Este estudo pretende contribuir para a caracterização da procura actual dos ‘urbanos’ em relação à paisagem rural, demonstrada por um caso de estudo no sul de Portugal. Um inquérito presencial com recurso a fotografias foi aplicado a 308 ‘urbanos’, dos quais resultaram 4 grupos com diferentes preferências e perspectivas face à paisagem rural.

Palavras-Chave

Paisagem rural, Preferências de paisagem, População urbana, Alentejo.

ABSTRACT

Society’s demand for rural landscapes, mainly for its non-productive functions, has been observed throughout Europe. Urban dwellers became new users of the countryside mainly for residential and recreational activities, gaining these activities an increasing relevance, both through diversification of rural communities as through the investment entering rural areas,

¹ EPM/ICAAM Grupo de Ecossistemas e Paisagens Mediterrânicas/Instituto de Ciências Agrárias e Ambientais Mediterrânicas, Universidade de Évora - mdsa@uevora.pt

² EPM/ICAAM Grupo de Ecossistemas e Paisagens Mediterrânicas/Instituto de Ciências Agrárias e Ambientais Mediterrânicas, Universidade de Évora - mtpc@uevora.pt

representing an important contribution for rural development. The growing interest on rural landscape justifies the need to gain more knowledge about the urban demand for rural space and opens new possibilities for more targeted rural development policies. Although landscape preferences of urban versus rural users are widely available in literature, there is still little on the urban demand characterization itself. This study intends to progress on the differentiation of the urban demand already in place, demonstrated by a case study in Southern Portugal. A face-to-face photo-based survey was applied to 308 individuals, from which 4 groups emerged with different preferences and perspectives towards the rural landscape.

Keywords

Rural landscapes, Landscape preferences, Urban population, Alentejo

1. Introdução

Actualmente as paisagens rurais na Europa evidenciam um processo de transição que afecta tanto a ocupação do solo, como as actividades e os actores envolvidos na dinâmica do espaço rural. As alterações associadas a este processo estão relacionadas não só com novos paradigmas do sector agrícola mas também com as novas exigências da sociedade Wilson (2007). Avaliar a procura social da paisagem rural torna-se necessária como informação de base para as políticas e acções públicas com impacto nesse espaço. Além das funções tradicionais relacionadas com a produção de alimento e matérias-primas, outras funções da paisagem têm vindo a ser valorizadas através de novas procuras sociais (Pinto-Correia & Breman, 2009; Primdhal & Swaffield, 2010; Wiggering *et al.*, 2006). Estas procuras promovem um processo de transição segundo o qual a paisagem rural deixa progressivamente de ser um espaço quase exclusivamente de produção para se tornar num espaço também de consumo, no qual a agricultura fornece um conjunto de amenidades, como recreio, turismo ou usos residenciais. As mudanças em curso, conceptualizadas por Wilson (2008) e Holmes (2006; 2012), conduzem a paisagem rural para novos modos de ocupação, mais complexos e multifuncionais, nos quais os “*interesses urbanos*” são dominantes (Holmes, 2006:114).

As procuras e os usos que a população urbana faz da paisagem são amplamente reconhecidos como forças motrizes nas dinâmicas do espaço rural (Antrop, 2004; Ferrão, 2000) e o papel que este grupo social desempenha na construção da paisagem rural tem vindo a ser, nas últimas décadas, foco de interesse (Halfacree & Boyle, 1998; Primdahl & Swaffield, 2010). A população urbana, principalmente em áreas desenvolvidas, dispõe de mais recursos e de mais fácil acesso à paisagem rural e às amenidades que dela advêm e, em simultâneo, demonstra maior necessidade de espaços onde recuperar do *stress* quotidiano de uma vida urbana (Claval, 2005). A população urbana, sobretudo oriunda de áreas metropolitanas (Costello, 2009), representa um grupo significativo que procura as áreas rurais, particularmente para usos residenciais (Bijker *et al.*, 2012; Costello, 2009; Vepsäläinen & Pitkänen, 2010) e recreativos (Farmaki, 2012; Figueiredo 1999). Assim, ao mesmo tempo que aumenta a pressão de consumo em relação à paisagem rural, a sobrevivência da agricultura, dos agricultores e das próprias comunidades rurais, podem em certa medida depender da sua capacidade de resposta a esta procura (Antrop, 2004). A capacidade de integração de novas funções ganha especial relevância em áreas periféricas, das quais o Alentejo é um bom exemplo,

onde sistemas de agricultura extensiva deram origem a uma paisagem com interesse sob o ponto de vista do potencial de multifuncionalidade (Breman *et al*, 2010) e onde actualmente se questiona a integração de novas funções como resposta a novas procuras (Pinto-Correia & Carvalho-Ribeiro, 2012a).

Os interesses da população urbana, nas suas múltiplas formas de consumo, podem ter uma influência significativa na dinâmica das áreas rurais a vários níveis. Esta influência ocorre devido: (i) ao acesso a bens e serviços rurais (Kalantaridis, 2010) e à capacidade de investir em actividades de turismo, culturais e de recreio; (ii) ao contributo para o capital humano das áreas rurais, que pode estimular novos hábitos de consumo (produtos tradicionais ou biológicos) e que representa uma nova fonte de capital financeiro no mercado imobiliário por exemplo (Stokedale *et al*, 2000); e (iii) às redes de contactos que podem determinar a sua capacidade de promover o empreendedorismo, aumentando a competitividade das áreas rurais, e também à sua contribuição em diversas níveis de conhecimento e formação (Kalantaridis, 2010).

As motivações desta procura são fortemente influenciadas pelas representações que os urbanos criam sobre o rural, que resultam muitas vezes numa imagem utópica na qual “a nostalgia de uma identidade perdida leva à busca de razões de existência no passado, na natureza” (Figueiredo, 1999). Ainda que a população urbana procure o contacto perdido com a natureza, a paisagem rural é a que melhor assegura este contacto. É ao nível da paisagem que podem ser suportadas as novas funções procuradas pela sociedade (Veje *et al*, 2009). Identificar as preferências de paisagem permite conhecer de forma mais aprofundada a forma como paisagens específicas são valorizadas por diferentes grupos sociais e com diferentes propósitos. Estudos de preferências de paisagem têm considerado a dicotomia urbano/rural comparando as preferências de utilizadores em cada uma destas dimensões (Yu, 1995; Van den Berg & Koole, 2006). Existe no entanto pouco conhecimento em relação às preferências da população urbana, na sua diferenciação e no que procuram na paisagem rural.

Tendo em conta o exposto acima, o que se pretende neste artigo é apresentar os resultados de um estudo sobre as preferências expressas pelos urbanos quanto à paisagem rural da região do Alentejo. Na análise dos resultados dá-se especial relevância ao perfil dos urbanos que procuram esta paisagem e às preferências por eles expressas.

2. Metodologia

O caso de estudo que nos permite demonstrar a procura da população urbana tem por base um projecto mais abrangente desenvolvido a nível regional (Surová & Pinto-Correia, 2012) com o objectivo de identificar as preferências em relação à paisagem rural do Alentejo, e a forma como estas preferências se distribuem segundo os diferentes usos e utilizadores da paisagem, ou seja, considerando tanto as funções produtivas como as funções não-produtivas da paisagem. Os inquiridos neste estudo foram categorizados de acordo com a diversidade usos suportada pela paisagem do Alentejo, tendo sido considerado na construção da amostra que esta deveria incluir representantes de oito diferentes tipos de utilizadores: novos rurais; chefes de exploração; caçadores; pessoas com segunda residência; visitantes regulares; turistas; e ecoturistas. Foram inquiridos um total de 1066 utilizadores em 10 concelhos representativos da região. Desta amostra foram isolados os inquiridos urbanos,

resultando, no total, uma amostra de 308 inquiridos que serão o foco da presente análise.

2.1. Definição da amostra

No âmbito deste estudo é importante definir quem pode ser considerado urbano. No contexto europeu várias metodologias têm sido progressivamente desenvolvidas e refinadas para efectivamente definir as realidades urbana e rural (OCDE, 2010). A densidade populacional é a variável mais comumente utilizada para distinguir as áreas urbanas das rurais. No entanto, a definição de população urbana pode não depender apenas de uma variável espacial, uma vez que o espaço/área de residência pode não definir quem é ou não urbano. Experiências anteriores, como por exemplo as vividas durante a infância, podem ser fundamentais nas atitudes e comportamentos de um indivíduo, nomeadamente na sua relação com a natureza (Thompson, 2008; Swanwick, 2009). Assim, tendo em conta esta relação, neste estudo foi usada uma definição conjunta de *população urbana*, que considera uma variável espacial, neste caso a densidade populacional, na qual se integra o contexto onde foi passada a infância. Os urbanos foram então seleccionados tendo em conta os inquiridos que passaram infância numa área urbana, definida de acordo com a tipologia de espaço urbano-rural da OCDE aplicada às NUTS 3 (OCDE, 2010).

Esta tipologia baseia-se na percentagem de população residente em freguesias urbanas ou rurais, sendo uma freguesia classificada como rural quando a densidade populacional é inferior a 150 habitantes/Km². De forma a definir a amostra de inquiridos, foram seleccionados os que passaram a infância numa zona urbana, correspondente às áreas classificadas como *Regiões maioritariamente urbanas* (i.e. menos de 15% da população reside em freguesias rurais), de acordo com a tipologia definida pela OCDE.

2.2. Inquérito

O guião do inquérito utilizado neste estudo considerou três grupos de questões relativos a (i) perfil socio-demográfico; (ii) visões face à paisagem rural; e (iii) preferências de paisagem. Neste último grupo foram apresentadas 16 fotografias, cada uma correspondente a uma das classes de ocupação do solo do Alentejo, e deste conjunto os inquiridos manifestaram as suas preferências escolhendo as três fotografias mais preferidas e as três menos preferidas. As razões para as preferências foram expressas através de respostas abertas, posteriormente categorizadas de acordo com o processo de análise de conteúdo (Patton, 2002).

Na construção do inquérito dois aspectos relevantes foram tidos em conta. Em primeiro, o uso de fotografias como suporte visual. Este método tem-se mostrado eficiente dando origem a resultados válidos de preferências de paisagem (Dramstad *et al*, 2006; Katelborn & Bjerk, 2002) nomeadamente em estudos sobre paisagem em regiões mediterrânicas (Surová & Pinto-Correia, 2008; Tveit, 2009). A paisagem do Alentejo é marcada pela complexidade da sua estrutura e composição da qual resultam limites difusos em que diferentes ocupações do solo se conjugam e sobrepõem, tornando

complexa a definição e distinção de diferentes ocupações (Pinto-Correia *et al.*, 2011). A manipulação digital de fotografias, criando condições atmosféricas semelhantes e eliminando elementos que perturbem ou influenciem a atenção do observador (Barroso *et al.*, 2011), permite a representação de paisagens facilmente reconhecidas pelo observador, como exemplificado na Figura 1. O segundo aspecto prende-se com a utilização da ocupação do solo para representar diferentes paisagens. A ocupação do solo é a componente da paisagem que, sendo directamente influenciado pelas actividades humanas, principalmente pela actividade florestal e agrícola (Pinto-Correia & Primdhal, 2009), melhor representa a paisagem rural. A ocupação do solo pode, além do mais, ser a base para a integração de dados de preferências de paisagem numa abordagem territorial.



Figura 1 Exemplos de fotografias utilizadas como suporte visual para a aplicação do inquérito, representando as ocupações do solo mais representativas da região do Alentejo (A-Vinha; B-Mosaico; C-Floresta mista; D-Olival tradicional; E-Matos altos em terra florestal; F-Arrozal)

Os dados recolhidos foram analisados em duas etapas. Em primeiro, uma análise estatística descritiva a fim de obter uma visão geral sobre as preferências dos urbanos, posteriormente, foi aplicada uma análise de correspondências múltiplas (ACM), permitindo a análise simultânea de mais de duas variáveis categóricas (Greenacre, 2006). Para mais detalhes sobre este método ver, por exemplo Surová & Pinto-Correia (2012). Nesta análise as fotografias mais preferidas e as menos preferidas foram usadas como variáveis ativas, definindo os grupos com preferências homogêneas, e as características pessoais, as visões e as razões para a escolha de fotografias foram usadas como variáveis complementares, caracterizando o perfil de cada grupo resultante.

3. Resultados

3.1. Caracterização da amostra

A caracterização da amostra (N = 308) obteve-se através de uma análise estatística descritiva, considerando as características socioeconómicas, ligação com a agricultura e relação com o Alentejo (Quadro 1). No que refere à caracterização sócio-económica, a maioria dos entrevistados tem entre 41 e 65 anos (53%), formação média ou superior (55%), estão actualmente empregados (73%) e desenvolvem atividade profissional relacionada com Serviços ou Setor privado (78%). Cerca de 63% dos inquiridos passou a infância em Portugal, 39% dos quais em áreas metropolitanas. De todos os entrevistados 41% mudaram de uma área urbana para região do Alentejo e 55% não tem qualquer ligação com a agricultura. Quanto à ligação ao Alentejo, mostrando as principais atividades que os urbanos procuram nesta região, os novos rurais (30%) e os turistas (22%) são os grupos mais representativos.

Quadro 1 Distribuição de frequências das características socio demográficas, ligação à agricultura e relação com o Alentejo dos urbanos (n=308)

Género		Idade		Educação		Situação profissional		Actividade profissional	
Masc.	44%	< 25	5%	Ensino básico	12%	Empregado	73%	Agricultura e pescas	11%
Fem.	56%	25 - 40	30%	Ensino secundário	33%	Desempregado	4%	Construção e indústria	6%
		41 - 65	53%	Ensino superior	55%	Estudante	5%	Serviços e sector privado	78%
		>65	12%			Reformado	18%		

Nacionalidade	Infância/ Residência actual	Onde passou a infância	Residência actual				
Portuguesa	63%	Urbano/Urbano	51%	Áreas Metropolitanas Portugal	39%	Região do Alentejo	44%
Estrangeira	37%	Urbano/Rural	49%	Outros Municípios em Portugal	25%	Áreas Metrop. Portugal	21%
				Estrangeiro	36%	Outros Municípios Portugal	14%
						Estrangeiro	21%

Ligação com a agricultura	Relação com o Alentejo		
Agricultor	17%	Habitante	1% (N=4)
Outra relação	28%	Novo rural	30% (N=92)
Sem relação	55%	Chefe de exploração	8% (N=23)
		Caçador	3%(N=10)
		Segunda residência	12% (N=38)
		Visitante regular	14% (N=43)
		Turista	22% (N=67)
		Ecoturista	10% (N=31)

3.2. Visões em relação à paisagem rural

Relativamente às visões sobre a paisagem rural e o papel da agricultura na dinâmica do espaço rural do Alentejo (Quadro 2), *Natureza* (33%) foi o motivo mais escolhido explicando a razão pela qual os inquiridos gostam do campo no Alentejo. Sobre o papel da agricultura e da silvicultura, as opiniões são diversificadas, embora com distribuições semelhantes. Os inquiridos consideram que a agricultura e a silvicultura são importantes principalmente para *proteger os solos, água, animais e diversidade vegetal* (25%), para *produzir alimentos e matérias-primas* (24%) e para *manter as características, o conhecimento, os costumes e práticas* (23%). Das cinco tendências possíveis na paisagem no Alentejo, sugeridas no questionário, os urbanos apresentaram maior preferência por *mais atividade agrícola* (32%), *mais preservação de natureza* (28%) e *mais atividades de lazer e turismo* (28%).

Quadro 2 Visões em relação à paisagem rural do Alentejo considerando as hipóteses de resposta mais escolhidas pelos urbanos.

Gosta do campo no Alentejo por:	(%)
Agricultura	9
Montes e outras construções rurais	14
Maneira de ser Alentejana	20
Vistas, cores e cheiros	24
Natureza	33
Agricultura e florestas são importantes na região porque:	
Manter a aparência que o campo tem hoje	10
Manter a população	18
Manter as características, o conhecimento, costumes e práticas	23
Produzir alimentos e matérias-primas	24
Proteger os solos, água, animais e diversidade vegetal	25
Das tendências possíveis no Alentejo quais as que prefere:	
Mais caça	3
Mais casas dispersas à volta das povoações	9
Mais actividades de lazer e turismo	28
Mais preservação da natureza	28
Mais actividade agrícola	32

3.3. Preferências de paisagem

Os resultados referentes às preferências mostram que as fotografias mais preferidas (Quadro 3) foram o *Montado* (55,8%), o *Mosaico* (44,8%) e o *Olival tradicional* (39,6%) e na base destas preferências estão a *Apreciação estética*, com referência à atratividade das paisagens, e de *Identidade*, com referência à autenticidade e representatividade das paisagens ou a experiências pessoais e ligações afetivas a paisagens específicas. O *Eucaliptal* (16%), a *Pastagem natural* (15%) e *Olival intensivo* (14%) foram as fotografias menos preferidas (Quadro 4), principalmente por aspectos relacionados com a *Qualidade ambiental*, tais como o risco de incêndio, a sobre-exploração dos recursos hídricos ou a degradação dos solos, seguido de aspectos ligados à *Apreciação estética*.

Quadro 3. Distribuição das preferências de Paisagem e razões na base das preferências (%) considerando as fotografias mais preferidas. (AE-Apreciação Estética, I-Identidade, SE- Factores Socio-económicos, N-Natureza, QA- Qualidade Ambiental, A-Amenidades).

	Fotografias mais preferidas	Razões					
		AE	I	SE	N	QA	A
Cereal	23.1	5.5	6.8	6.2	0.6	2.3	1.0
Cultura irrigada	11.4	3.2	1.3	5.2	0.0	1.0	0.3
Arrozal	6.2	4.5	1.0	0.6	0.0	0.0	0.0
Vineyards	31.2	7.5	7.8	5.5	0.0	2.3	8.1
Pomar	7.1	2.3	0.6	1.6	0.6	0.6	1.3
Olival tradicional	<u>39.6</u>	9.4	<u>20.1</u>	3.2	2.3	1.3	1.9
Pastagem irrigada	3.6	2.6	0.3	0.6	0.0	0.0	0.0
Mosaico	<u>44.8</u>	<u>25.3</u>	9.4	3.2	2.9	1.3	0.6
Montado	<u>55.8</u>	<u>21.8</u>	<u>18.2</u>	2.6	5.8	3.9	1.9
Eucaliptal	3.9	2.9	0.3	0.0	0.0	0.6	0.0
Pinhal	13	8.1	0.3	1.6	1.0	1.6	0.3
Floresta mista	27.6	12.7	1.6	1.9	7.8	1.9	0.6
Pastagem natural	3.6	0.6	1.6	0.6	0.3	0.0	0.0
Matos altos em terra florestal	13.6	6.5	1.9	0.0	3.6	0.6	0.0
Matos baixos em terra agrícola	8.4	2.3	1.0	0.0	2.6	0.6	1.9
Olival intensivo	7.1	1.6	1.6	3.6	0.0	0.0	0.3

Quadro 4. Distribuição das preferências de paisagem e razões na base das preferências (%) considerando as fotografias menos preferidas. (AE-Apreciação Estética, I-Identidade, SE-Factores Socioeconómicos, N-Natureza, QA- Qualidade Ambiental, A-Amenidades).

	Fotografias menos preferidas	Razões					
		AE	I	SE	N	QA	A
Cereal	18.2	7.8	1.9	1.3	0.3	6.5	0.3
Cultura irrigada	18.8	3.9	4.9	1.0	0.6	7.1	0.6
Arrozal	15.9	4.5	4.5	0.0	0.3	4.9	1.0
Vinha	4.2	1.3	0.6	0.3	0.0	1.3	0.3
Pomar	2.3	0.3	1.0	0.0	0.0	0.6	0.0
Olival tradicional	4.5	1.0	0.0	1.3	0.0	2.3	0.0
Pastagem irrigada	15.3	8.1	1.3	1.0	0.6	3.2	0.0
Mosaico	6.2	1.9	0.3	1.3	1.0	1.6	0.0
Montado	2.3	1.0	0.3	0.6	0.0	0.0	0.0
Eucalipto	46.4	6.8	7.5	2.9	1.3	26.6	1.0
Pinhal	20.1	4.5	5.5	1.9	1.3	5.2	1.0
Floresta mista	4.2	1.6	1.3	0.6	0.3	0.3	0.0
Pastagem natural	45.1	19.8	1.9	4.9	1.0	16.9	0.3
Matos altos em terra florestal	25	3.6	1.6	5.5	0.6	10.4	1.3
Matos baixos em terra agrícola	25	7.1	2.3	9.1	1.3	3.6	0.3
Olival intensivo	40.6	10.4	4.2	3.9	2.6	18.5	0.3

3.4. Análise de correspondências múltiplas

Da análise de correspondências múltiplas efectuada resultaram diferentes grupos, diferenciados de acordo com a semelhança de preferências dos inquiridos. No primeiro nível de diferenciação os inquiridos foram agrupados em dois grandes grupos, designadamente *Paisagem humanizada* e *Paisagem natural*:

Paisagem humanizada: os inquiridos deste grupo manifestaram maior preferência por *Pastagem irrigada*, *Olival intensivo*, *Cereais* e *Vinha*, e relacionaram a estas preferências *Aspectos socio-económicos*, *Identidade* e *Apreciação estética*. Estes inquiridos revelaram menor preferência por *Matos*, *Pastagem natural*, *Olival tradicional* e *Floresta mista* e as razões mais relevantes na base destas escolhas foram *Qualidade ambiental*, *Fatores socio-económicos*, *Identidade* e *Apreciação estética*. A nacionalidade portuguesa e infância passada em áreas metropolitanas portuguesas são as características mais representativas deste grupo. Os chefes de exploração e as pessoas com segunda residência foram os grupos de utilizadores mais relevantes neste grupo. Estes inquiridos gostam do Alentejo pela agricultura e das tendências que preferem para a região *Mais actividade agrícola* foi a mais preferida.

Paisagem natural: neste grupo os inquiridos manifestaram maior preferência por *Floresta mista*, *Matos*, *Montado* e *Olival tradicional*, e as razões

mais relevantes prendem-se com *Apreciação estética* e *Natureza*. Escolheram como fotografias menos preferidas *Olival intensivo*, *Culturas irrigadas* e *Cereal* principalmente por razões relacionadas com *Qualidade ambiental*, *Apreciação estética* e *Natureza*. As características mais representativas dos inquiridos incluídos neste grupo são a nacionalidade, local de infância e residência atual no estrangeiro. Não tem ligação com a agricultura e os utilizadores mais relevantes para o perfil deste grupo são os ecoturistas.

Em mais detalhe, estes dois grupos podem ainda ser subdivididos de acordo com o segundo nível de diferenciação. No grupo *Paisagem humanizada* dois grupos foram diferenciados: *Produção* e *Mosaico tradicional*. No grupo *Paisagem natural* outros dois grupos foram identificados: *Agricultura extensiva* e *Protecção da natureza*. O perfil e as preferências de cada grupo são definidos pelas variáveis mais significativas considerando os seus níveis de significância, conforme apresentado no Quadro 5.

Quadro 5 Descrição dos grupos resultantes da ACM. Razões: A-amenidades; AE-apreciação estética; QA- qualidade ambiental; I- identidade; N- natureza; SE- aspectos socio-económicos. VT- valor teste. NS - nível de significância: (*) < 0.05; (**) < 0.01; (***) < 0.001).

	PRODUÇÃO (20%)			MOZAIKO TRADICIONAL (35%)			AGRICULTURA EXTENSIVA (11%)			PROTECÇÃO DA NATUREZA (34%)		
	Variáveis	VT	NS	Variáveis	VT	NS	Variáveis	VT	NS	Variáveis	VT	NS
<i>Paisagens mais preferidas e Rurais</i>	Culturas irrigadas	9.28***		Cereal	6.02***		Matos baixos	10.52***		Matos altos	6.631***	
	AE	5.27***		I	3.76***		N	5.66***		AE	4.159***	
	SE	5.16***		AE	3.34***		A	4.76***		N	2.386**	
	QA	2.40**		SE	3.31***		AE	3.55***		I	2.098*	
	Olival intensivo	4.41***		Mosaico	4.36***		I	3.05***		Floresta mista	6.576***	
	AE	2.47**		I	2.14*		QA	2.28*		AE	4.689***	
	SE	2.27*		Pastagem natural	2.92**		Olival intensivo			N	2.365**	
	Pinhal	4.38***		Olival tradicional			A	2.10*		SE	2.098*	
	AE	3.49***		I	2.86**		Montado			Montado	4.287***	
	SE	3.42***		Arrozal	2.35**		A	2.10*		AE	2.840**	
	Vinha	4.11***		Montado preferido: <i>denso sem matos</i>	2.06*					N	2.213*	
	SE	2.31*								Montado preferido: <i>denso com matos</i>	4.049***	
	Pomar	3.02**								Olival tradicional	2.041*	
	Eucalptal									AE	2.695**	
	AE	2.06*										
<i>Paisagens menos preferidas e Rurais</i>	Olival tradicional	6.43***		Eucalptal	8.91***		Vinha	7.56***		Pastagem irrigada	5.749***	
	QA	4.24***		QA	4.19***		AE	3.69***		AE	3.448***	
	SE	2.94**		I	3.74***		QA	3.69***		QA	2.722**	
	AE	2.40**		AE	2.38**		Pinhal			I	2.241*	
	Matos baixos	5.80***		SE	2.32*		A	3.05**		Cereal	5.050***	
	SE	3.92***		N	2.18*		QA	2.69**		AE	3.225**	
	AE	3.02**		Matos altos	5.83***		I	2.28*		QA	2.728**	
	QA	2.27*		QA	3.92***		Eucalptal			Cultura irrigada	4.485***	
	Montado	4.24***		SE	2.32*		A	3.05**		I	2.412**	
	AE	2.40**		N	2.18*		Cultura irrigada			Arrozal	4.473***	
	Pastagem natural	3.72***		Pinhal	3.15**		A	2.28*		QA	2.412**	
	SE	2.66**		I	2.32*					AE	2.125*	
	AE	2.08*		Matos baixos						Olival intensivo	3.739***	
	Floresta mista	3.64***		I	2.39**					AE	3.117**	
	AE	3.42***								Pastagem natural	2.314*	
QA									QA	2.511**		
<i>Outras variáveis significativas</i>	Gosta do Alentejo pela agricultura	3.10**		Nacionalidade Portuguesa	4.85***		Caçador	2.91**		Infância: estrangeiro	4.987***	
	Ensino Básico	2.56**		Infância em áreas metrop. Portuguesas	2.88**		Ligação à agricultura (não é agricultor)	2.11*		Nacionalidade: estrangeiro	4.870***	
	Agricultura e floresta são importantes para produção	2.18*		Tendência: mais caça	2.29*					Resid. permanente: estrangeiro	3.918***	
	Tendência: mais casas dispersas a volta das povoações	2.14*		Com ligação à agricultura	2.04*					Económico	3.510***	
										Tendência: mais protecção da natureza	2.944**	
									Agricultura e floresta são importantes: para manter o campo com aparência que tem hoje	2.819**		

4. Discussão dos resultados

O objetivo central deste estudo é aprofundar o conhecimento sobre as preferências expressas pelos urbanos sobre a paisagem rural focando o perfil deste grupo e as suas preferências de paisagem. Antes de uma análise mais aprofundada sobre a diferenciação desta procura é feita uma análise geral considerando as preferências manifestadas pelos inquiridos. Os resultados mostram que residência (associada aos novos rurais, pessoas com segunda residência e habitantes rurais) e lazer (associadas aos turistas e visitantes) são as actividades mais significativas, o que sugere que o consumo é de facto uma força motriz relevante na procura dos urbanos em relação à paisagem rural (Holmes, 2006). De forma geral entre todos os inquiridos as paisagens preferidas são as que refletem usos agrícolas mais tradicionais, em concordância com estudos anteriores (por exemplo Howley *et al*, 2012), nomeadamente na região do Alentejo (Surová & Pinto-Correia, 2012). A apreciação estética e identidade são os aspectos mais significativos na base destas preferências, como aliás seria expectável numa amostra exclusivamente urbana (Nohl, 2001). *Montado* foi a fotografia mais preferida e considerando que os urbanos estão fortemente ligados a usos residenciais e recreativos, os resultados sugerem que este sistema agro-silo-pastoril apresenta um elevado potencial para responder aos requisitos de consumo, confirmando resultados obtidos em estudos anteriores com foco em paisagens Montado (Surová & Pinto-Correia, 2008).

As visões manifestadas pelos urbanos, neste estudo, em relação importância da agricultura na região mostram que a protecção da natureza, a componente produtiva da agricultura e identidade são factores de relevo. Considerando as expectativas em relação ao futuro da paisagem do Alentejo, as tendências mais mencionados como preferidas foram mais atividade agrícola, mais protecção da natureza e mais atividades de lazer e turismo. Estes resultados indicam que, além do valor ambiental e natural da paisagem e da sua qualidade estética, comumente associados aos urbanos (Van Dam *et al*, 2002; Van den Berg, 1999), a função produtiva e a manutenção de uma identidade regional também foram aqui considerados aspectos relevantes. Esta primeira análise sugere que as preferências dos urbanos que actualmente utilizam as paisagens do Alentejo são influenciadas por um conjunto diverso de visões face à paisagem rural, logo os requisitos desta procura são diversificados.

Diferenciação das preferências

Após esta abordagem geral sobre as preferências dos urbanos e atendendo ao facto de que os resultados nos sugerem uma visão multifuncional sobre paisagem rural, uma análise mais aprofundada foi realizada. A análise de correspondências múltiplas identificou quatro grupos entre os inquiridos, com base na similaridade das suas preferências. No primeiro nível de diferenciação dois grandes grupos foram identificados. Os resultados mostram que as preferências entre os urbanos são, quase igualmente, distribuídas entre *Paisagem natural* e *Paisagem humanizada*, o que significa que existe uma clara diferenciação nas preferências. Vários estudos reconheceram que os urbanos preferem geralmente paisagens mais naturalizadas (Howley *et al*, 2012; Van den Berg & Koole, 2006). Neste estudo, e em concordância com os mesmos autores, cerca de metade dos inquiridos (44%) prefere paisagens agrícolas com uma influência

humana pouco evidente. Os inquiridos associados ao grupo *Paisagem natural* consideram que juntamente com a apreciação estética e a capacidade destas paisagens para fornecer funções de lazer, o ambiente e a natureza são também aspectos importantes e que determinam as suas opiniões quando se trata de expressar as preferências. Ainda assim, foi possível identificar um grupo significativo que manifestou preferências diferentes. Cerca de 56% dos entrevistados preferiu paisagens com uma influência humana mais evidente, uma preferência comumente associada aos rurais, devido a sua familiaridade com paisagens geridas (Yu, 1995). Os que formam o grupo *Paisagem humanizada* salientaram nas razões das preferências aspectos sócio-económicos, mostrando que a capacidade produtiva e o potencial contributo para o desenvolvimento económico associado a determinada paisagem determinam as suas preferências.

Em cada um destes dois grandes grupos foi possível diferenciar as preferências de forma mais precisa Figura 2. Entre os inquiridos do grupo *Paisagem natural* a maioria prefere ocupações com baixo nível de intervenção humana, tais como *Matos baixos em terra agrícola*, *Floresta mista* e *Montado*, e onde as atividades agrícolas são menos evidentes conferindo a estas paisagens um aspecto mais natural (Van den Berg & Koole, 2006). A outra parte dos entrevistados mostrou uma clara preferência por uma ocupação específica com muito baixa influência humana, *Matos altos em terra florestal*, demonstrando uma tendência para a extensificação agrícola. Ainda que este grupo seja pouco significativo (11%), estes resultados revelam que existe uma procura por comodidades específicas que paisagens com elevado nível de extensificação podem proporcionar, como por exemplo a caça que, à semelhança de resultados obtidos em estudos anteriores (Surová & Pinto-Correia, 2012), mostrou aqui ser uma das amenidades fortemente associada a paisagens com estas características.

No grupo *Paisagem Humanizada* uma grande parte dos inquiridos mostrou um claro interesse na agricultura tradicional reconhecendo a importância da sua identidade regional. *Cereal*, *Mosaico* e *Pastagem natural* são três das ocupações do solo mais representativas do Alentejo. Os usos agrícolas associados a estas ocupações estão geralmente bem adaptadas às condições biofísicas tendo geralmente um impacto positivo na qualidade ambiental e na biodiversidade, em especial as pastagens naturais (Pinto-Correia & Carvalho-Ribeiro, 2012b). A outra parte dos entrevistados, preferindo também paisagens humanizadas, mostrou diferentes preferências e razões, demonstrando uma tendência para uma agricultura mais intensificada. *Cultura irrigada*, *Olival intensivo* e *Pinhal* representam sistemas agrícolas e florestais com um elevado impacto em termos de produção e rentabilidade e este impacto é reconhecido claramente pelos entrevistados e refletiu-se nas razões para as suas preferências.

Os sistemas intensivos que se focam exclusivamente na promoção de um único bem ou serviço têm sido descritos como sendo menos valorizados pela sociedade (García-Llorente *et al*, 2012). Além do mais, tem sido também descrito que as práticas agrícolas modernas são menos atractivas visualmente do que as práticas agrícolas tradicionais (Tempesta, 2000) devido à elevada homogeneidade da paisagem que delas resulta (Rogge *et al*, 2007). Apesar da intensidade do uso relacionada com as ocupações preferidas, as preocupações com os aspectos socio-económicos (economia local, desemprego e desenvolvimento rural) têm sido referidos como a principal justificação para a preferência destes sistemas (Fleskens *et al*, 2009), à semelhança dos resultados obtidos no presente estudo. A agricultura mais intensiva, tem sido maioritariamente

associada a utilizadores que preferem paisagens mais humanizadas e com ligação à agricultura (Barroso *et al*, 2012). Numa amostra urbana, na qual é esperado pouco conhecimento agrícola, uma parte dos inquiridos mostrou preferências por sistemas mais intensivos. Embora os resultados demonstrem uma diferenciação dentro do grupo *Paisagens humanizadas*, estes resultados mostram uma clara preferência por paisagens agrícolas, quer tradicionais (*Mosaico tradicional*) quer com uso mais intensivo (*Produção*).

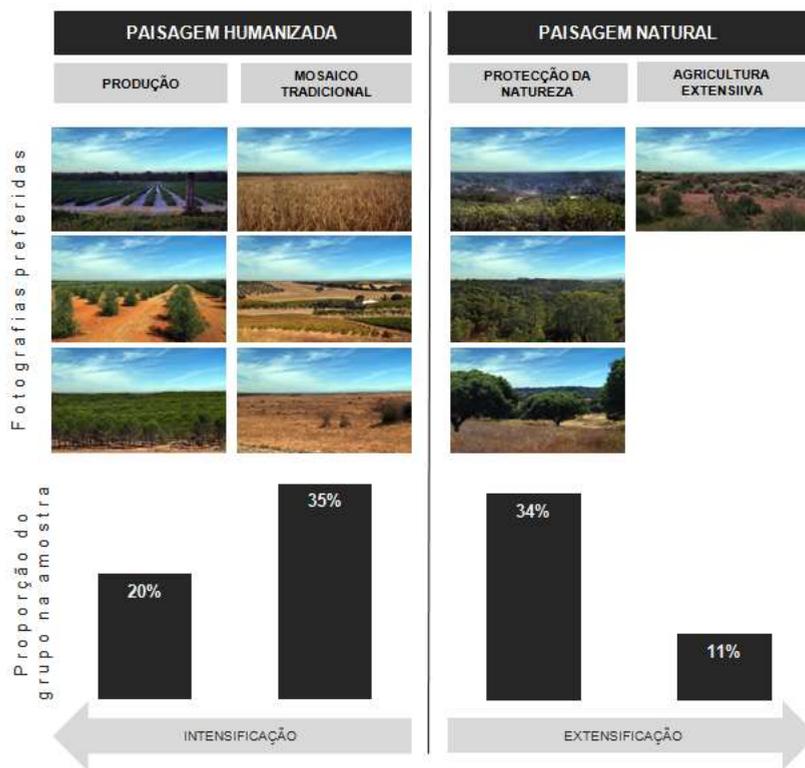


Figura 2 Síntese da diferenciação dos grupos resultantes da análise de correspondências múltiplas. *Mosaico tradicional* e *Protecção da natureza* são os grupos mais significativos, existindo no entanto preferências divergentes quer no sentido da intensificação (*Produção*) quer da extensificação da paisagem (*Agricultura extensiva*).

O perfil dos urbanos que procuram a paisagem rural do Alentejo

Os resultados mostram que do conjunto de variáveis consideradas, referentes ao contexto socio-económico dos inquiridos, apenas a educação e a nacionalidade se mostraram significativas na diferenciação das preferências. Estudos anteriores constataram que a idade e o nível de educação influenciam as preferências,

manifestando a população mais jovem e com níveis de educação mais elevados maior preferência por paisagens com baixo nível de intervenção humana (Van den Berg *et al*, 1998; Van den Berg, 1999). No entanto, a população urbana inquirida neste estudo não nos permite apontar diferenças geracionais nas preferências (Van den Berg & Koole 2006) e no que respeita ao nível de educação, apenas um dos grupos resultantes (*Produção*) registou como variável significativa o *ensino básico*. Esta influência é, no entanto, pouco significativa devido à pequena amostra de inquiridos com o ensino básico (12%). Considerando, *idade e nível de educação*, os resultados neste estudo mostram que estas variáveis não são significativas na diferenciação das preferências, tal como a maioria das variáveis socioeconómicas, o que nos sugere que existe um perfil homogéneo que caracteriza os urbanos que actualmente usufruem das paisagens do Alentejo: têm formação média ou superior (88%) mais de 41 anos (65%), estão empregados (73%) e trabalham nos serviços ou sector privado (78%).

Variáveis que influenciam a diferenciação nas preferências

A diferenciação observada nas preferências mostrou estar relacionada com a nacionalidade, a ligação à agricultura e relação com o Alentejo.

Em estudos anteriores o lugar de residência e de infância mostraram influenciar as preferências de paisagem (Howley *et al* 2012; Yu, 1995) no entanto nestes estudos foram consideradas as dimensões Urbano/Rural como o factor de diferenciação, mostrando que tanto residência actual dos inquiridos como o local de infância em áreas urbanas estão associados a preferências por paisagens naturais. No presente estudo, estas variáveis foram significativas na diferenciação, no entanto aqui a nacionalidade foi o factor diferenciador. Os portugueses (definidos pelas variáveis *Nacionalidade*, e *Local de infância e Local de residência actual*) manifestaram em geral preferências por paisagens humanizadas (com mais influência no grupo *Mosaico tradicional*) e os estrangeiros por paisagens mais naturais (*Protecção da natureza*) conforme resultados na tabela 4.

A influência da nacionalidade pode ser aqui entendida como reflexo de diferentes contextos culturais e sociais (Yu, 1995) e, por consequência, diferentes visões em relação à paisagem e à natureza. Em diversas regiões da Europa, as visões em relação ao espaço rural estão relacionados em grande parte à evolução do processo de intensificação do sector agrícola. Van Dam e outros (2002), por exemplo, referem que no contexto dinamarquês a imagem do espaço rural está assente num “*sector agrícola organizado de forma eficiente, altamente produtivo e economicamente muito importante*” (Van Dam *et al*, 2002: 463). No entanto esta visão produtivista tem vindo a mudar, de acordo com estes autores, devido não só à emergência de uma visão mais orientada para o consumo mas também aos constrangimentos ambientais associados à intensificação da produção agrícola. No contexto Português, como em geral na região mediterrânica, a percepção geral do público em relação aos constrangimentos ambientais destes sistemas mais tradicionais não atingiram uma dimensão tão significativa como em regiões onde o processo de intensificação ocorreu de forma mais acelerada (Caraveli, 2000). A imagem do espaço rural, em muitas regiões da europa, principalmente as mais periféricas, assenta numa agricultura tradicional. E as preferências por paisagens mais humanizadas estão muitas vezes associadas a factores económicos e sociais do sector agrícola, que neste estudo é claramente reconhecida pelos utilizadores do grupo *Paisagens humanizadas*.

A diferenciação nas preferências está fortemente relacionada com uma perspectiva utilitária sobre a paisagem (Barroso *et al*, 2012; Surová & Pinto-Correia, 2008). A relação com o Alentejo reflecte os usos que os utilizadores procuram na paisagem rural e as preferências revelam o potencial de diferentes paisagens para responder aos requisitos destes diferentes usos. Neste estudo os novos rurais, o grupo mais representativo da amostra (30%), estão relacionados principalmente com usos residenciais. As preferências destes utilizadores mostraram-se mais relevantes em dois dos grupos (*Mosaico tradicional* e *Protecção da natureza*) mostrando que tanto as ocupações com usos mais extensivos como as paisagens de mosaico tradicional revelam maior potencial para responder a esta procura. As actividades de recreio estão aqui representadas pelos turistas e visitantes. Os ecoturistas, utilizadores com maior significância no grupo *Protecção da Natureza*, têm como principal propósito as actividades ao ar livre ligadas a natureza e paisagens mais extensivas, principalmente com ocupação florestal, são as que melhor respondem aos requisitos deste utilizadores. Os turistas, com interesses pelo património, gastronomia, eventos culturais, e os visitantes regulares, estão distribuídos por 3 grupos (*Produção*, *Mosaico tradicional* e *Protecção da natureza*) não mostrando maior influência num grupo específico. Mostra que as preferências destes utilizadores são mais dispersas ao contrário dos ecoturistas, chefes de exploração ou caçadores, fáceis de definir e identificar.

Além da influência da nacionalidade e da perspectiva utilitária em relação à paisagem, a ligação à agricultura pode aqui ser também um factor diferenciador. A maioria dos urbanos estão associados a visões mais orientadas para o consumo, no entanto, parte dos urbanos inquiridos neste estudo, nomeadamente os *Novos rurais* e *Chefes de exploração*, optaram por uma residência permanente em espaço rural. Esta relação motivada quer pelo interesse num novo estilo de vida quer pelo interesse em iniciar uma actividade agrícola promove uma ligação mais próxima com o espaço rural e com a agricultura, o que pode justificar as preferências por paisagens com actividade agrícola mais evidente.

5. Considerações finais

A análise desenvolvida, focada no perfil e nas preferências dos urbanos em relação à paisagem, mostra que na amostra de urbanos que efectivamente utiliza a paisagem rural do Alentejo a nacionalidade, a perspectiva utilitária em relação à paisagem e a ligação à agricultura são factores relevantes que influenciam a diferenciação nas preferências. É tão diversa a população urbana quanto as suas preferências em relação ao rural e aos usos que procuram. Este trabalho mostra, como alias outros o fizeram anteriormente (Pinto-Correia & Carvalho-Ribeiro, 2012a) que paisagens específicas apresentam diferentes capacidades de resposta a diferentes requisitos de consumo. Por exemplo, paisagens agrícolas mais extensivas são preferidas por novos rurais, ecoturistas e caçadores, ou paisagens de mosaico tradicional são preferidas tanto por turistas como por chefes de exploração. Este facto revela como a multiplicidade de usos e funções que a sociedade espera da paisagem rural, pode ser suportada por diferentes paisagens na mesma região, ou mesmo, como a mesma paisagem pode suportar diferentes usos e funções. Existe no entanto, após a identificação ds preferências, a necessidade de identificar possíveis conflitos e complementariedades entre

as diferentes funções e a capacidade de diferentes paisagens para responder a estes requisitos.

Definir orientações políticas que integrem as procuras sociais actuais é um desafio que continua por concretizar. Aprofundar o conhecimento sobre as preferências de paisagem permite compreender a procura que influencia as dinâmicas do espaço rural e o processo de transição actualmente em curso na paisagem rural do Alentejo. Este conhecimento abre novas possibilidades para a integração desta procura numa abordagem territorial, usando a ocupação do solo como base, informando orientações políticas e de planeamento. Esta informação deve ser considerada no desenho políticas com expressão espacial, tanto no sector agrícola como no ordenamento do território ou outras políticas com influência no espaço rural.

Referências Bibliográficas

ANTROP, M. (2004). *Landscape change and the urbanization process in Europe*, Landscape and Urban Planning, 67(1-4), pp. 9–26.

BARROSO, F.; PINTO-CORREIA, T.; RAMOS, I. L.; SUROVÁ, D.; MENEZES, H. (2011). *Dealing with landscape fuzziness in user preference studies: photo based questionnaires in the Mediterranean context*, Landscape and Urban Planning, 104, pp. 329-342.

BERKEL, D. B.; VERBURG, P.H. (2011). *Sensitising rural policy: Assessing spatial variation in rural development options for Europe*, Land Use Policy, 28, pp. 447-459.

BREMAN, B.; VIHINEN, H.; TAPIO-BISTROM, M. L.; PINTO-CORREIA, T., (2010). *Meeting the Challenge of Marginalization Processes at the Periphery of Europ*, Public Administration, 88(2), pp. 364-380.

BIJKER, R.; HAARTSEN, T.; STRIJKER, D., (2012). *Migration to less-popular rural areas in the Netherlands: Exploring the motivations*, Journal of Rural Studies. (in press)

CARAVELI, H., (2000). *A comparative analysis on intensification and extensification in Mediterranean agriculture: dilemmas for LFAs policy*, Journal of Rural Studies, 16, pp. 231-242.

COSTELLO, L. (2009). *Urban–Rural Migration: housing availability and affordability*, Australian Geographer, 40(2), pp. 219-233.

CLAVAL, P., (2005). *Reading the rural landscapes*, Landscape and Urban Planning, 70, pp. 9-19.

DRAMSTAD, W. E.; SUNDLI-TVEIT M.; FJELLSTAD, W. J.; FRY, G. L. A., (2006). *Relationships between visual landscape preferences and map-based indicators of landscape structure*, Landscape and Urban Planning, 78, pp. 465–474.

FARMAKI, A., (2012). *An exploration of tourist motivation in rural settings: The case of Troodos, Cyprus*, Tourism Management Perspectives, 2-3, pp. 72 –78.

FERRÃO, J., (2000). *Relações entre mundo rural e mundo urbano. Evolução histórica, situação actual e pistas para o future*. Sociologia: Problemas e práticas, 33, pp 45-54.

FIGUEIREDO, E., (1999). *Ambiente Rural - A Utopia dos Urbanos?*, in: Cavaco, C. (coord.) Desenvolvimento Rural: Desafio Utopia, Coleção Estudos para o Planeamento Regional e Urbano, 50, Lisboa: CEG - UL, pp. 263-279.

FLESKENS, L.; DUARTE, F.; EICHER, I., (2009). *A conceptual framework for the assessment of multiple functions of agro-ecosystems: A case study of Trás-os-Montes olive groves*, Journal of Rural Studies, 25, pp. 141-155.

GARCIA-LLORENTE, M.; MARTÍN-LÓPEZ, B.; INIESTA-ARANDIA, I.; LÓPEZ-SANTIAGO, C.; AGUILERA, P.; MONTES, C., (2012) *The role of multifunctionality in social preferences toward semi-arid rural landscapes: An ecosystem service approach*, Environmental Science and Policy, 19-20, pp. 136-146.

GREENACRE, M., (2006). *Multiple Correspondence Analysis and Related Methods*, Taylor and Francis, Abingdon.

HALFACREE, K. H.; BOYLE, P. J., (1998). *Migration, rurality and the post-productivist countryside*, In: Boyle, P.J.; Halfacree, K.H. (Eds.), *Migration into Rural Areas: Theories and Issues*. Wiley, London, pp. 1-20.

HOLMES, J., (2012). *Cape York Peninsula, Australia: A frontier region undergoing a multifunctional transition with indigenous engagement*, Journal of Rural Studies, 28(3), pp. 252–265.

HOLMES, J., (2006). *Impulses towards a multifunctional transition in rural Australia: Gaps in the research agenda*, Journal of Rural Studies, 22, pp. 142-160.

HOWLEY, P.; DONOGHUE, C. O.; HYNES, S., (2012). *Exploring public preferences for traditional farming landscapes*, Landscape and Urban Planning, 104, pp. 66-74.

KALANTARIDIS, C., 2010, *In-migration, entrepreneurship and rural-urban interdependencies: The case of East Cleveland, North East England*, Journal of Rural Studies, 26, pp. 418-427.

KALTENBORN, B. P.; BJERKE, T., (2002). *Association between environmental value orientations and landscape preferences*, Landscape and Urban Planning, 59, pp. 1–11.

NOHL, W., (2001). *Sustainable landscape use and aesthetic perception: preliminary reflections on future landscape aesthetics*. Landscape and Urban Planning, 54, 223–237.

OECD, (2010) *OECD Regional Typology*. available at: <http://www.oecd.org/gov/regionaldevelopment/42392595.pdf>

PATTON, M. Q., (2002). *Qualitative Research and Evaluation Methods*. 3rd ed. Sage, Thousand Oaks, CA,

PINTO-CORREIA, T.; BARROSO, F.; SUROVÁ, D.; MENEZES, H., (2011). *The fuzziness of Montado landscapes: progress in assessing user preferences through photo-based surveys*, Agroforestry Systems, 82(2), pp. 209-224.

PINTO-CORREIA, T.; BREMAN, B., (2008) *The new roles of farming in a differentiated European countryside: contribution to a typology of rural areas according to their multifunctionality: Application to Portugal*, Regional Environmental Change, 3 (9), pp. 143-152.

PINTO-CORREIA, T.; CARVALHO-RIBEIRO, S., (2012a). *The Index of Function Suitability (IFS): A new tool for assessing the capacity of landscapes to provide amenity functions*, Land Use Policy, 29(1), pp. 23–34.

PINTO-CORREIA, T.; CARVALHO-RIBEIRO, S., (2012b), *High Nature Value Farming in Portugal*, in: High Nature Value Farmland in Europe, Beaufoy, G.; Oppermann, R.; Herzog, F. (Eds.) (Verlag Regionalkultur), pp. 336-345.

PINTO-CORREIA, T.; PRIMDAHL, J., (2009), *When Rural Landscapes Change Functionality: Examples from Contrasting case Studies in Portugal and Denmark*, in:

Multifunctional rural land management: Economics and Policies, Brouwer, F.; Van der Heide, M.(Eds.), pp. 255-276.

PRIMDAHL, J.; SWAFFIELD, S.R., (2010). Globalisation and the sustainability of agricultural landscapes, in: Globalisation and Agricultural Landscapes: Change Patterns and Policy Trends in Developed Countries, Primdahl, J.; Swaffield, S.R., (Eds.). Cambridge University Press, Cambridge, pp 1-16.

ROGGE, E.; NEVENS, F.; GULINCK, H., (2007). *Perception of rural landscapes in Flanders: looking beyond aesthetics*, Landscape and Urban Planning, 82, pp. 159–174.

SUROVÁ, D.; PINTO-CORREIA, T., 2012. *Landscape menu to please them all: Relating land cover to users' preferences at regional level in Southern Portugal*, Landscape and Urban Planning. (Submitted)

SUROVÁ, D.; PINTO-CORREIA, T., (2008). *Landscape preferences in the cork oak Montado region of Alentejo, southern Portugal: Searching for valuable landscape characteristics for different user groups*, Landscape Research, 33(3), pp. 311-330.

THOMPSON, C. W.; Aspinall, P.; Montarzino, A., (2008). *The Childhood Factor: Adult Visits to Green Places and the Significance of Childhood Experience*, Environment and Behavior, 40 (1), pp. 111-143.

STOCKDALE, A.; FINDLAY, A.; SHORT, D., (2000). *The repopulation of rural Scotland: opportunity and threat*, Journal of Rural Studies,16, 243-257.

SWANWICK, C., (2009). *Society's attitudes to and preferences for land and landscape*, Land Use Policy, 26S, pp. S62-S75.

TEMPESTA, T., (2010), *The perception of agrarian historical landscapes. A study of the Veneto plain in Italy*. Landscape and Urban Planning, 97, pp. 258–272.

TVEIT, M. S., (2009). *Indicators of visual scale as predictors of landscape preference; a comparison between groups*, Journal of Environmental Management, 90, pp. 2882-2888.

VAN DAM, F.; HEINS, S.; ELBERSEN, B. S., (2002). *Lay discourses of the rural and stated and revealed preferences for rural living: Some evidence of the existing of a rural idyll in the Netherlands*, Journal of Rural Studies, 18, pp. 461-476.

VAN DEN BERG, A. E., (1999). *Individual Differences in the Aesthetic Evaluation of Natural Landscapes*, Groningen University. Groningen.

VAN DEN BERG, A. E.; KOOLE, S. L., (2006). *New wilderness in the Netherlands: An investigation of visual preferences for nature development landscapes*, Landscape and Urban Planning, 78, pp. 362-372.

VAN DEN BERG, A. E.; VLEK, C. A. J.; COETERIER, J. F., (1998) *Group differences in the aesthetic evaluation of nature development plans: a multilevel approach*, Journal of Environmental Psychology, 18, pp. 141–157.

VEJRE, H.; ABILDTRUP, J.; ANDERSEN, E.; ANDERSEN, P. S.; BRANDT, J.; BUSCK, A.; DALGAARD, T.; HASLER, B.; HUUSOM, H.; KRISTENSEN, L. S.; KRISTENSEN, S. P.; PRÆSTHOLM, S., (2007). *Multifunctional agriculture and multifunctional landscapes - land use as interface*, in: Multifunctional Land use: Meeting Future Demands for Landscape Goods and Services, Mander, U.; Wiggerinh, H.; Kelming, K. (Eds.), pp. 93-104.

VEPSÄLÄINEN, M.; PITKÄNEN, K., (2010). *Second home countryside: Representations of the rural in Finnish popular discourses*, Journal of Rural Studies, 26, pp. 194-204.

WIGGERING, H.; DALCHOW, C.; GLEMNITZ, M.; HELMING, K.; MÜLLER, K.; SCHULTZ, A.; STACHOW, U.; ZANDER, P., (2006). *Indicators for multifunctional land use: Linking socio-economic requirements with landscape potentials*, Ecological Indicators, 6, pp. 328-249.

WILSON, G. A., (2007). *Multifunctional Agriculture: A Transition Theory Perspective*, CABI, Cromwell Press, Trowbridge.

WILSON, G., (2008) *From “weak” to “strong” multifunctionality: conceptualising farm-level multifunctional transitional pathways*, Journal of Rural Studies, 24(3), pp. 367–383.

YU, K., (1995). *Cultural variation in landscape preference: comparisons among Chinese sub-groups and Western design experts*, Landscape and Urban Planning, 32, pp. 107–126.

